

in Encontros, n.º 1, Porto, SEIP, 1995

Para lá dos textos introdutórios e de conclusão, os resultados da investigação assentam em três temas fundamentais. Em "modos de industrialização e espaços industriais", a autora foca especialmente o concelho do Barreiro, mostrando a evolução da concentração operária e da urbanização, bem como os reflexos na modernização do regime demográfico, em especial os comportamentos de nupcialidade e de fecundidade. Num segundo momento, a autora debruça-se sobre "condições operárias e estratégias familiares numa vila industrial", tomando como casos de estudo os corticeiros e os operários da CUF: os papéis familiares, as estratégias de sobrevivência desenvolvidas pelo grupo doméstico, o controlo dos nascimentos são aspectos abordados entre outros. As "genealogias operárias e destinos operários" remetem, num terceiro tempo, para os dias de hoje, tentando a autora desvendar os meios familiares de origem, o universo das alianças nupciais e o casal operário (estratégias de fecundidade, o papel da esposa, os filhos).

Marinha Fernandes Carneiro



Oswaldo Macedo, *Ciganos, Natureza e Cultura*, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1992.

1. Nunca como hoje se terá falado tanto em direitos humanos e no respeito pelas minorias (étnicas e outras). No entanto, como em quase tudo, também este campo se mostra avesso a valores absolutos, o que explica que determinadas questões sejam quase sempre relegadas para o fim da lista de prioridades. Uma dessas questões é claramente a do povo cigano.

Com efeito, se podemos encontrar nos sectores cultos uma certa simpatia de princípio relativamente a algumas das vertentes da sua cultura (a começar talvez pela música e por determinados rituais e festas), acontece que esse sentimento raramente se converte em algo de efectivo e duradouro. É verdade que em alguns países - sobretudo naqueles em que esta etnia tem uma representação mais forte - existem organizações sócio-culturais importantes com um apreciável volume de publicações sérias; mas mesmo aí o impacto junto do grande público é reduzido, mostrando-se insuficiente para a ultrapassagem da tradicional barreira da desconfiança. Provavelmente filmes como *O Tempo dos Ciganos* ou agrupamentos musicais como os *Gipsy Kings* conseguirão a este nível melhores resultados.

Bem pior é a situação em Portugal, onde o movimento associativo - depois de uma trémula fase embrionária, ligada essencialmente a grupos católicos - só agora começa a dar passos com um certo significado, como se pode ver por exemplos como o que no Outono de 93 teve lugar no Porto, ou como o que no Verão do mesmo ano ocorreu na Feira Popular de Lisboa. De qualquer modo, se hoje, por exemplo, o projecto de construção de um bairro para ciganos já integra por vezes uma equipa multidisciplinar de especialistas que procura pensar cada casa em função das características idiossincráticas dos seus destinatários - problemas como o ocorrido em meados de 93 em Ponte de Lima não estão definitivamente afastados do horizonte.

Ao nível da investigação, a situação é ainda mais grave. Basta pensar que a bibliografia portuguesa sobre o assunto está praticamente limitada a dois estudos de fundo, que distam entre si cerca de um século: *Os Ciganos de Portugal*, de Adolfo Coelho, publicado em 1892, e *O Povo Cigano*, do antropólogo Olímpio Nunes, de 1981.

Embora ligeiramente melhor - o que se deve sobretudo a um maior interesse dos seus primeiros folcloristas e etnógrafos -, a situação do Brasil também deixa muito a desejar, pelo que trabalhos como o que iremos apreciar serão sempre úteis de uma maneira ou de outra.

2. O interesse da obra de Oswaldo Macedo estaria à partida garantido pela circunstância de se tratar da primeira que, no Brasil, foi escrita por um cigano. Acresce ainda que o seu autor, médico de profissão, é presidente honorário do Centro de Estudos Ciganos brasileiro. No entanto, e ainda que esse interesse não possa ser negado, o certo é que o livro apresenta limitações óbvias, fundamentalmente devidas aos equívocos que rodeiam tanto a intenção como o método que presidiram à sua elaboração.

Efectivamente, esta obra requer cuidados especiais de leitura. Oscilando entre uma orientação ensaística e uma orientação mais livre - que pode ser lírica como épica, como pode passar pela transcrição demorada de textos alheios (ensaíais, artigos de jornal...) - este livro não permite a confortável distância que o leitor de ensaios está habituado a encontrar. Recusando desde o início uma postura serena e objectiva, Oswaldo Macedo preferiu correr



o risco de seguir uma estratégia afirmativa e testemunhal - ainda por cima pouco linear -, o que explica as hesitações e o carácter fragmentário que facilmente se detectam.

3. Essa orientação pode ser surpreendida de imediato a partir do título, que coloca o enfoque na avaliação do relacionamento do povo cigano com o binómio natureza / cultura. De facto, e embora passe em revista muitos aspectos do povo e da cultura cigana, o autor procura antes de mais mostrar que esse binómio nunca constituiu um problema para os ciganos. Mais ainda: de modo polémico - porque insuficientemente justificado - procura apresentar-nos este povo como praticante puro dos valores hoje defendidos pelos ecologistas. Alargando essa ideia, Macedo passa rapidamente a uma perspectiva pedagógica, propondo-nos o povo cigano como modelo, como *exemplum*, de uma vivência saudável, porque isolada de um todo social corrompido (o nosso) e convertida numa espécie de baluarte último de uma codificação que não desliga o indivíduo da família, nem permite que o trabalho constitua uma fonte de divisões ou de alienações.

Um dos textos usados como epígrafe é, a esse nível, muito claro: "No Brasil há mais de 7.000.000 *Meninos de Rua*, sem figurar, entre eles, um só descendente de ciganos (...)". Várias outras passagens - igualmente de carácter fragmentário - estão ao serviço desta mesma estratégia de definição por contraste do povo cigano. Sirva de exemplo o versículo de S. Lucas: "Considerai como crescem os lírios, eles não trabalham nem fiam" (p.15). Ou então reflexões deste tipo: "Os ciganos vêm com as mãos, até as estruturas, mas olham com os ouvidos. Até as paisagens ..." (p.20); "O poder e o saber dos nossos antepassados, a autoridade dos nossos velhos e os tempos sempre renovados pelas crianças que nascem, trazendo os novos tempos e os novos conhecimentos que nos fazem contemporâneos dos primeiros tempos e eternamente jovens e livres como os ventos" (p.17); "O circo é a barraca, a casa, o abrigo, a liberdade. A *techara*, como dizem os ciganos. O lar. O circo é circo-lar, é a casa da criatura humana de todas as idades, de todas as geografias" (p.70).

4. Entre estas deambulações, vai-se esboçando, ao longo dos 24 capítulos em que a obra está dividida, uma aproximação mais objectiva ao *ethos* cigano, equacionado quase sempre em abstracto, pois são poucos os momentos em que a realidade brasileira é directamente contemplada. Assim, são-nos apresentadas informações sobre o carácter oral desta civilização, sobre o nomadismo do seu povo, sobre o modelo matriarcal que o domina, sobre determinados ritos (como o casamento), sobre a culinária, ou sobre o acto de nomear uma criança, que assume aspectos verdadeiramente surpreendentes:

"Ao nascer, a criança recebe, secretamente, seu primeiro nome *soprado* pela mãe, que não será conhecido por ninguém, nem pelo próprio pai. O nome é para preservar a criança das tentações dos demónios, dos entes e duendes. Os maus espíritos para azucrinar as crianças chamam pelo nome e a pessoa olha. A atenção e o olhar destroem as defesas. Os ciganos não olham, nem dão atenção, porque ignoram o seu primeiro nome. Eis a protecção, através dos tempos" (p.47).

A par deste tipo de abordagem, há momentos em que o autor coloca o importante problema da capacidade de resistência deste mundo ao tempo e às transformações que o acompanham. Se um optimismo conservador é a tônica dominante - "A permissividade dos tempos actuais não *toçaram* a autoridade nem os ideais éticos da família cigana. (...) O princípio da autoridade é mantido intocável e os pais ciganos não se deixam expropriar dessa prerrogativa" (p.54) -, a questão é colocada frontalmente (embora não chegue a ser verdadeiramente discutida) numa ou noutra passagem, como quando o autor transcreve uma passagem do editorial do *Correio da Unesco* de Dezembro de 1984:

"Sujeita à pressão de modelos culturais que ameaçam sua coesão e tradições, a sociedade cigana enfrenta actualmente, quase por toda a parte, novos problemas sociais e culturais. Hoje mais do que nunca, é fundamental uma tomada de consciência mais justa e um maior conhecimento da identidade do povo cigano, seu passado e seu presente, para a cooperação mais estreita entre esse e os demais povos" (p.32).

Mas, em lugar de aprofundar este debate, Macedo prefere insistir nas várias formas de marginalização e de opressão de que o povo cigano tem sido vítima. Lembra assim que "Os ciganos através dos tempos, não poucas vezes foram *marcados* com sánetes infamantes, dado que a humanidade antiga não admitia que a infâmia não fosse permanentemente pública. Eram *marcas*, a ferro e fogo, em partes visíveis, ou roupas com sinais em cores específicas, gorros ou *marcas* indelévels" (p.75). Mas lembra também, remetendo para tempos mais próximos, um dos silêncios mais comprometedores da história: os muitos milhares de ciganos sujeitos a genocídio no decurso da II Guerra Mundial.

Os dois capítulos finais - responsáveis por cerca de metade das páginas do volume - apresentam-nos uma útil listagem das principais organizações ciganas internacionais e uma bibliografia bastante completa, repartida por várias secções.

Antes disso, porém, existem dois capítulos que deixam o leitor algo perplexo, na medida em que se apresentam deslocados do tema principal, ainda que estejam dominados pelas grandes linhas ideológicas que dominam a obra. O primeiro é consagrado à Eco-92 e, em forma de "flashes", dá-nos conta de uma série de atentados ecológicos. O segundo é consagrado à arquitectura, e constitui um violento libelo contra aquilo que o autor considera uma "máquina infernal que tornou a morada do homem um negócio para alguns e uma possibilidade para a maioria



esmagadora, tem a seu serviço o arquiteto que a tornou materialmente viável e de uma eficácia ideológica espantosa. Sem o arquiteto moderno jamais teria existido uma distorção imobiliária do capitalismo nos termos desumanamente alienatórios com que se verificou na civilização industrial do Ocidente " (p.105-6). Se a intenção pode ser considerada válida, a verdade é que o problema está mal colocado, o que prejudica comentários como este: "O arquiteto moderno será responsabilizado no Dia do Juízo Final pela invenção dos formigueiros verticais, o mais diabólico expediente que se conheceu até hoje de valorização argentária de metragem quadrada da honesta e fecunda crosta terrestre que nos foi dada por Deus e, provavelmente, para fruição de todos..." (p.105).

5. Como comentário final, podemos dizer que estamos perante uma obra que, sem ser brilhante, nem muito rigorosa, nem muito exaustiva, tem pelo menos a virtude de recolocar em discussão um problema que tende a ser esquecido, e de o fazer do lado de dentro e à luz de um novo valor - a ecologia -, inaugurando assim uma discussão que importa continuar. Cremos que a forma avessa que o autor usou - misturando estilos e linguagens, optando por uma visão feita de fragmentos nem sempre fáceis de articular e preferindo o confronto polémico à descrição objectiva - se revela adequada à intenção da obra, que é fundamentalmente de natureza interpelativa.

Francisco Topa



Margareth L. King, , *Mujeres Renacentistas. La búsqueda de un espacio*, Madrid, Alianza Universidad, 1993 (tradução do original inglês, publicado em 1991).

Fruto inicialmente da pressão dos movimentos feministas, a história - sobretudo na sua vertente de história cultural e das mentalidades - passou, a partir da década de 70, a dedicar uma atenção cada vez mais importante à história das mulheres, tanto através de estudos panorâmicos como por intermédio de abordagens de teor mais monográfico. É o caso desta obra, que se apresenta dividida em três grandes capítulos, que procuram desenhar um percurso completo da vida da mulher, como os sugestivos títulos o indicam: *As filhas de Eva: a mulher na família*, onde se abordam as várias etapas da vida das mulheres no mundo laico (filhas, esposas, mães, viúvas e trabalhadoras); *As filhas de Maria: a mulher e a Igreja*, que reflecte sobre a vida religiosa e a religiosidade das mulheres renascentistas; e, finalmente, *Virgo et Virago: a mulher e a alta cultura*. Aqui a autora aborda o problema da educação feminina e aponta casos concretos de mulheres que marcaram a história através dos seus contributos ao nível da política, das armas, da literatura e da cultura em geral. Estamos pois, fundamentalmente, perante um trabalho de síntese, que passa em revista muito do que já estava escrito sobre a matéria, sem que esta orientação comprometa a validade da obra, que se revela bastante interessante.

Na introdução, Margaret King começa por revelar ao leitor a sua visão da mulher renascentista, uma mulher plurifacetada, susceptível de ser encarada de vários ângulos e segundo diversos métodos de abordagem, colocando como objectivo da obra "visitar a la mujer del Renacimiento en su diversidad de clases y actividades" (p. 9). Apesar desta declaração de intenções, podemos desde já dizer que a autora fica um pouco aquém das expectativas, na medida em que - como, aliás, ela própria declara mais à frente - se limita ao estudo de casos da Europa Ocidental, e, sob o pretexto da falta de tempo e de espaço, não se ocupa da vida nem da obra de pintoras, músicas ou poetisas. Por outro lado, nota-se uma predominância excessiva de casos franceses, ingleses e italianos, ficando de fora exemplos importantes de outros países, inclusivamente de Portugal.

No capítulo I - *As filhas de Eva: a mulher na família*, somos confrontados com a vida em família e todos os seus problemas e enredos. A primeira parte, intitulada *Mãe e Filho*, é consagrada ao estudo da maternidade, o que se compreende dado que esse é um fenómeno central da vida da maioria das mulheres deste período. Era mesmo um valor intocável tanto na teologia católica como na protestante: a mulher casada devia procriar com êxito, nem que para isso, como disse Lutero, " (...) se agoten y al final mueran de tanto parir, no importa, que se mueran de parir, para eso existen " (p.16).

O papel subserviente que marca as mulheres neste período é ainda mais claro relativamente à categoria das filhas, a que é dedicada a segunda parte deste capítulo. Na maior parte das vezes, as raparigas não eram

